



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

ASTRIDES FARIAS DE LIMA OLIVEIRA

A PONTUAÇÃO NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS ESPORTIVOS

Brasília
2013

ASTRIDES FARIAS DE LIMA OLIVEIRA

A PONTUAÇÃO NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS ESPORTIVOS

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UnICEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos: Gramática, Linguagem e a Construção/Reconstrução do Significado.

Orientador: Prof. Dr. Josué Mendes.

Brasília
2013

ASTRIDES FARIAS DE LIMA OLIVEIRA

A PONTUAÇÃO NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS ESPORTIVOS

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UnICEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos: Gramática, Linguagem e a Construção/Reconstrução do Significado.

Orientador: Prof. Dr. Josué Mendes.

Brasília, ____ de _____ de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

RESUMO

Este trabalho diz respeito à pontuação e sua aplicação em jornais on-line. O texto escolhido para o estudo foi o esportivo, pois essa categoria de textos traz consigo características próprias do esporte: ritmo mais acelerado da narração falada e escrita, ritmo mais lento da fala dos jogadores e a descontração, tudo isso influenciando a pontuação. Para analisar essas influências (interferências) será feito um levantamento histórico da tradição oral desde a Antiguidade, do aparecimento da escrita, até os dias atuais; o sistema oral até hoje ainda interfere na escrita e por isso não devem ser vistas com categorias dicotômicas, pois elas se fundem, se completam e só precisam ser monitoradas ou não dependendo do contexto. Além do levantamento histórico, o trabalho também trará o estudo da pontuação a partir da perspectiva da gramática tradicional e da linguística, teorias que embasarão a análise dos dados. Os dados foram coletados da Folha de São Paulo e do UOL.

Palavras-chave: Fala. Escrita. Pontuação.

ABSTRACT

This work concerns the score and its application in online newspapers. The text chosen for the study was the sport, because this category of texts brings characteristics of sport: faster pace of narration spoken and written, slower speech and relaxation of the players, all influencing the score. To examine these influences (noise) will be a historical survey of the oral tradition from antiquity, the appearance of the writing, to the present day; oral system today still interferes in writing and therefore should not be seen with dichotomous categories as they merge, complete and only need to be monitored or not depending on the context. In addition to the historical survey, the work will also study the score from the perspective of traditional grammar and linguistics, theories that will base the data analysis. Data were collected from the Folha de São Paulo and UOL.

Key words: Speech. Writing. Score.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 ABORDAGEM HISTÓRICA	09
2 PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL	12
3 PERSPECTIVA LINGUÍSTICA	15
4 ANÁLISE DE DADOS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Quando falamos na arte de escrever bem, a pontuação surge como um dos requisitos básicos para uma boa redação. No entanto, ao indagar as pessoas sobre a maneira pela qual elas pontuam, a grande maioria responde que não sabe pontuar: pontuam por intuição.

Os sinais de pontuação, segundo a abordagem histórica, surgiram com os textos sagrados, escritos para serem recitados oralmente. Eram empregados para assinalar lugares em que se podia respirar durante a leitura em voz alta. Essa era a razão básica de pontuação entre os gramáticos do século XVIII e XIX, e que ainda é bem nítida entre os escritores atuais que se opõem à pontuação lógica. A pontuação estava relacionada ao estilo de leitura dominante na época – leitura oral - e estava muito mais ligada à prosódia que à gramática:

Os estilos de pontuação também são intimamente relacionados com o tipo de leitura dominante de cada época – leitura oral ou leitura silenciosa (visual). Antigamente a pontuação estava mais presa à prosódia que à gramática. E isso porque os textos eram para ser lidos em voz alta. Durante a maior parte do século XIX era moda usar unidades de pontuação muito identificadas com as unidades de entonação da fala (CHAFE, 1987, b:5 apud ROCHA, 1998). Na escrita dessa época é muito frequente o uso da pontuação que viola as normas gramaticais, especialmente separando sujeito e predicado. No entanto, se “ouvirmos” essas passagens com as intenções prosódicas do autor, perceberemos que a pontuação é perfeitamente plausível. A mesma coisa vem acontecendo nos textos publicitários atuais (ROCHA, 1998, p. 2).

O fato de o próprio leitor ser responsável pelas pausas, durante a leitura em voz alta, fez com que esse estilo fosse empregado durante muito tempo até o surgimento da imprensa, o que exigiu dos textos uma padronização, um formato para um melhor entendimento. Surgiram então os símbolos: hífen, parênteses, apóstrofo, vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula, travessão. A pontuação assim se estabeleceu como um sistema no âmbito da escrita. Apesar dessa padronização, ainda perdurava a concepção de pontuação ligada à prosódia, que permaneceu da Antiguidade até a Idade Moderna. Só no século XIX, a pontuação passou a seguir as regras da sintaxe e mesmo parecendo que a teoria pausal era a mais difundida, surgia a ideia de que a pontuação tinha um papel lógico a desempenhar. “Na

verdade as duas orientações mais se complementavam do que se opunham” (ROCHA, 1997, p. 7).

Devido a todos esses séculos de prevalência da pontuação oral sobre a pontuação sintática é que persiste até hoje a dúvida entre esses dois estilos. Discutindo essa temática, Dahlet (2006) cita uma pesquisa feita pela linguista Védénina sobre a ausência de isomorfismo entre pausas respiratórias no oral e sinais de pontuação:

A partir de um corpus de mil frases, percebeu-se que “o número de pausas ultrapassa o número de sinais de pontuação com 30% a mais, o que resulta numa média de três pausas orais para um sinal de pontuação” (Jaffré, 1991: 81). A pesquisa de Védénina vem contradizer a afirmação de que “a utilização de uma grade de concordância entre a entonação e sinais de pontuação não é possível senão na atividade simétrica, isto é, quando oralizamos frases escritas” (BÉGUELIN, 2000, p. 61 apud DAHLET, 2006, p. 284).

Segundo Bechara (2005, p. 606), os sinais de pontuação constituem uma peça fundamental da comunicação. São imprescindíveis para o entendimento do texto e se organizam segundo os princípios de dependência e independência sintática e semântica, ou seja, uma solidariedade sintática e semântica que obedece às regras da sintaxe e ao sentido que o texto traz. Se essas regras forem desrespeitadas, pode haver “efeitos desastrosos à comunicação”.

Foi observando o excesso de pontuação nos textos que optei por fazer um estudo sobre o tema em jornais *on-line*. Escolhi trabalhar com o webjornalismo por acreditar que esse tipo de jornal envolve uma maior participação de usuários da internet e “facilita o registro e divulgação de fatos no momento em que eles ocorrem” (PRIMO, 2006). A coluna escolhida para a pesquisa foi a de futebol dos jornais Folha de São Paulo e UOL.com. O dinamismo da notícia, aliado ao esporte, traz ao texto escrito um ritmo mais acelerado devido à espontaneidade e descontração.

Durante a pesquisa, a presença ou ausência da vírgula foi a grande responsável pelo ritmo da notícia, tanto nos textos dos jornalistas como de colaboradores do jornal. Dessa forma será possível observar se eles estão seguindo a tradição oral da pontuação ou seguindo a pontuação gramatical, baseada na sintaxe.

O trabalho será organizado, primeiramente, apresentando uma breve retrospectiva sobre a pontuação na escrita ocidental. Depois serão apresentadas as características da pontuação e análise dados coletados perante as teorias da gramática tradicional e da linguística.

1 ABORDAGEM HISTÓRICA

Para melhor entendermos a trajetória da pontuação é preciso fazer um estudo diacrônico. Segundo Chafe (1987, p.6 apud ROCHA, 1997, p. 2) “nenhuma história detalhada das práticas de pontuação ainda foi escrita”. Se pensarmos em sua origem, podemos afirmar que a pontuação surgiu nos textos sagrados, mas não da forma como conhecemos hoje, era feita oralmente durante a leitura em voz alta. A pontuação atual começou a ser disseminada a partir do advento da Imprensa, e durante todo esse tempo foi evoluindo lentamente até adquirir esse caráter sintático. De acordo com Rocha (1997, p. 2):

Sua história abrange desde os antigos *escribas*, ao *revisor de texto* medieval (profissional surgido com o advento da Imprensa); dos escritores de épocas sucessivas, aos atuais redatores e manuais de revisão dos grandes jornais, sempre intermediada pela instrução escolar. Abrange também o próprio *status* da linguagem em suas modalidades falada e escrita e a mudança nas concepções de autor e leitor, privilegiadas em diferentes momentos da história.

Na Antiguidade Clássica, a escrita era contínua e a pontuação, feita pelo próprio leitor durante a leitura. Apesar de os povos da antiguidade perceberem a escrita como um mero registro da fala, os gregos tiveram uma grande participação no sistema de pontuação que permanece até hoje. Padronizaram a direção das linhas adotando o esquema esquerda-direita e usavam como referência na pontuação o *distinctio/subdistinctio*, que marcava dois tipos de descontinuidade. O *distinctio* era usado para separar e marcar a descontinuidade entre dois enunciados completos (como o ponto final); o *subdistinctio* era usado para subseparar ou separar levemente partes de um enunciado ainda incompleto (como a vírgula).

Os romanos utilizavam a leitura oral e a *scriptio continua*, um estilo de escrita sem espaços ou outras marcações entre as palavras, e a forma segmentada (ROCHA, 1997).

Há registros da convivência desses dois tipos de leitura e de escrita entre os romanos. Paralelamente, eles também enfrentavam dificuldades na leitura, por causa da ausência ou das limitações dos signos suplementares – os que não são letras (DESBORDES, 199, p.228 apud ROCHA, 1997, p.3)

A sua maneira de pontuar era feita de acordo com um sistema grego que concorria com o sistema do *distinctio/subdistinctio*, o da diástole. Esse sistema

indicava disjunção, ou seja, separação por meio de um tipo de vírgula. “Consistia no emprego de três pontos com duas funções diferentes: uma semântica (indicar completude maior ou menor nos enunciados) e outra prosódica (pausa para respirar)” (ROCHA, 1997, p. 3). O signo mais comum era o ponto e acumulava diversas funções: indicar que uma letra era uma abreviatura (M. TVLLIVS); marcar a letra de que se estava falando (.M ou M com um traço em cima), indicar rasuras (ponto colocado em cima ou embaixo da letra) , separar sílabas e palavras (MAR.CVS, MARCVS.TVLLIVS) (ROCHA, 1997, p. 3).

Rocha (1997) enumera as inovações que foram feitas na pontuação durante a Antiguidade Clássica, as quais são precursoras da pontuação atual. Primeiramente foi padronizada a direção da linha pelos gregos, que adotaram o sistema esquerda-direita; depois os espaços entre as palavras; a primeira marca de pontuação, o ponto; a distinção entre as letras maiúsculas e minúsculas; surgiram símbolos como: hífen, parênteses, apóstrofo, vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula e travessão; e símbolos com propósitos especiais como: aspas, ponto de interrogação e de exclamação. O uso desses sinais não era feito de forma sistemática, pois a pontuação era subordinada ao perfil melódico e às pausas respiratórias (ROCHA, 1997, p.4).

Segundo Rocha (1997, p.5), na Idade Média a pontuação seguia os padrões da Antiguidade Clássica, ou seja, era subordinada à melodia e às pausas respiratórias. Só com o surgimento da imprensa foi que a pontuação se estabeleceu como um sistema no âmbito da escrita. Houve uma padronização do texto escrito, pois para ser impresso ele necessitava de um formato, apresentação, o que chamamos hoje de diagramação. A impressão dos textos trouxe consigo caracteres e marcas de pontuação bem explícitos que não deixavam dúvidas durante a leitura. Isso fez com que a pontuação e os recursos gráficos dessem maior legibilidade ao texto escrito. A partir da Idade Média e depois do Renascimento, a pontuação passa a ser difundida sob duas orientações: a lógico-gramatical e a do ritmo respiratório.

Na Idade Moderna, segundo Rocha (1997), ainda vigoravam essas orientações de pontuação - gramatical e pausal. Apesar de a teoria pausal parecer ser a mais difundida, nessa época surgiram orientações de Beauzee sobre o papel que a pontuação deveria desempenhar:

A escolha da pontuação depende da proporção que é conveniente de estabelecer entre as pausas; e esta proporção depende da combinação de três princípios fundamentais: **1º a necessidade de respirar; 2º a distinção de sentidos parciais que constituem o discurso; 3º a diferença de graus de subordinação** que convém a algum destes sentidos parciais no conjunto do discurso. (TOURNIER apud ROCHA, 1997, p.7).

Os sinais de pontuação utilizados na concepção citada acima eram: a vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos e o ponto. A única diferença do uso desses signos com os empregados na pontuação de hoje é o dos dois pontos. Ele era “utilizado, entre outros, como signo de separação com um poder intermediário entre o ponto-e-vírgula e o ponto” (ROCHA, 1997, p.7).

No século XIX, foi publicado na França um livro inteiro dedicado à pontuação – *Traité de ponctuation* de Ricquier em 1873, mas ele não trazia nada de original sobre o assunto, apenas complementava a lista de signos que já existia. Eram eles: pontos condutores, hífen ou travessão, traço de união, aspas, colchetes, alínea, apóstrofo, et caetera, asterisco, parágrafo, sublinhado, chave. “As regras para o uso de cada signo baseava-se na sintaxe. A regra para o uso do dois-pontos era pausal, embora o emprego recomendado por Ricquier fosse o mesmo de hoje” (ROCHA, 1997, p.7).

Rocha (1997, p.8) aponta dois momentos importantes para o estudo da pontuação no século XX: no fim dos anos 30 os congressos - *Congrès international de linguistique romane* (Nice, 1937) e o *V Congrès international des linguistes* (Bruxelas, 1939); e o segundo momento nos anos 70 com as contribuições de L. Hirschberg (1964 e 1965 apud ROCHA) abordando a pontuação sob um ângulo científico e em 1973 a “Mesa redonda internacional sobre estrutura da ortografia” sob a presidência de N. Catach.

2 PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Vimos na abordagem histórica que recebemos como herança, desde a Antiguidade, um sistema de pontuação em que a pontuação pausal (pausas respiratórias) estava atrelada à pontuação gramatical. Segundo Rocha (1998), isso trouxe para os textos escritos marcas que violavam “as normas gramaticais, especialmente separando sujeito e predicado” (ROCHA, 1998, p. 2), mas que eram perfeitas para os textos orais. Para Celso Luft (1996, p. 7), essa relação é responsável pela maioria dos erros de pontuação, pois a pontuação da língua portuguesa “obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos”, o que não está bem claro para alguns autores.

Os sinais de pontuação, segundo Bechara (2005), são um “sistema de reforço da escrita, constituídos de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso” (CATACH, 1994 apud BECHARA, 2005, p. 604). Para o autor, a pontuação pode ser entendida de duas maneiras: numa acepção larga e noutra estrita. A acepção larga abarca os sinais propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: espaço, caracteres, margens, títulos, disposições dos capítulos etc. Na acepção estrita, os sinais são distribuídos como os essencialmente separadores: vírgula, ponto e vírgula, ponto final, ponto de exclamação, interrogação e reticências; e os sinais de comunicação ou mensagem: dois pontos, aspas simples e duplas, travessão simples e duplo, parênteses, colchetes, chave aberta e fechada.

Esses sinais ainda podem ser organizados em outras duas categorias: os de pausas conclusas (ponto, ponto e vírgula, ponto de interrogação, exclamação e reticências quando está em função conclusa); e os de pausas inconclusas (vírgula, dois pontos, parênteses, travessão e colchetes quando está em função inconclusa).

Dentre os sinais elencados por Bechara, darei ênfase à vírgula como sinal separador (pausa inconclusa). Segundo o autor, ela é empregada para separar: termos coordenados, aposições, repetições, pleonasmos, vocativos, orações adjetivas de valor explicativo e restritivo, orações intercaladas, adjuntos adverbiais que precedem o verbo, o nome do lugar nas datas, partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão e concessão; conjunções e advérbios

adversativos; para indicar, às vezes, a elipse do verbo; para assinalar a interrupção de um segmento natural das ideias e para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada (BECHARA, 2005, p. 609, 610).

De acordo com Cunha e Cintra (2007, p. 656), a língua escrita não dispõe dos mesmos recursos da língua falada, por isso a pontuação é que faz o papel de reconstituir os movimentos da fala tentando suprir essa carência. Os autores dividem os sinais de pontuação entre os que são destinados a marcar pausas (vírgula, ponto e ponto e vírgula), e os que marcam melodia, entonação (dois pontos, interrogação, exclamação, reticências, aspas, parênteses, colchetes e travessão). Ressaltam que essa definição não é rígida, podendo os sinais de pontuação indicar ao mesmo tempo pausas e melodia.

Cunha e Cintra (2007, p. 658-664), definem a vírgula como sendo um sinal de pausa de pequena duração. Ela tanto pode separar elementos de uma oração como orações de um só período. No interior da oração separam: elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), apostro, vocativo, elementos repetidos; datas do nome de lugar. São usadas ainda para isolar o adjunto adverbial antecipado e para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo). Entre orações separam: orações coordenadas assindéticas, sindéticas (salvo as introduzidas pela conjunção e); para isolar orações intercaladas e orações subordinadas adjetivas explicativas.

Segundo Kury (1989, p. 97), a vírgula assinala uma pausa ligeira, com tom de voz em suspenso e que indica um enunciado incompleto. Emprega-se a vírgula nos seguintes casos: para separar termos (“O céu, a terra, o vento sossegado...”); orações em sequência coordenadas (“Agarrou-me, abraçou-me violentamente...”); para isolar termos meramente explicativos, entre eles o apostro (“Camilo, maravilhado, fez um gesto...”); para isolar vocativo (“Meninos, eu vi!”); separar termos e orações de valor adverbial, quando deslocados de sua posição habitual - depois do verbo que modificam (“O Presidente, com sua comitiva, embarcará...”); para separar palavras ou expressões de natureza explicativa, continuativa, conclusivas ou enfáticas de maneira geral (“Enfim, avó”; “Sim, um dia hei de morrer”; “Pois sim, deixe estar”); separar nomes de lugar nas datas (Brasília, 30 de junho).

Sobre a pontuação Celso Luft (1996, p. 7) afirma que as gramáticas ensinam que cada vírgula corresponde a uma pausa, mas que nem toda pausa corresponde a uma vírgula. Considerando os critérios sintáticos da pontuação o autor sugere que na verdade deveriam ensinar que nem toda pausa corresponde a uma vírgula, nem a toda vírgula corresponde uma pausa. Essa ligação entre pausa e vírgula é responsável pela maioria dos erros de pontuação porque essas pausas, muitas vezes, separam sujeito e verbo, verbo e seus complementos e esses elementos estão sintaticamente ligados, portanto não podem ser separados.

A vírgula é um “sinal de pontuação que indica falta ou quebra de ligação sintática” (LUFT, 1996, p. 9). Usa-se vírgula: nas aposições, justaposições, assíndetos (coordenação sem coordenador), vocativos; na marcação de elementos marginais, intercalados, deslocados; na marcação de elipse verbal; para evitar ambiguidades.

De todos os sinais de pontuação apresentados, este trabalho dará ênfase ao sinal pausal, mais especificamente, à vírgula. A ênfase não será na vírgula como organizadora do discurso estabelecendo relações de dependência e independência sintática e semântica, no qual o uso errôneo traz efeitos desastrosos à comunicação, e sim, ao uso da vírgula no texto escrito marcando pausas orais (a respiração), como acontecia desde a Antiguidade até a Idade Média.

3 PERSPECTIVA LINGUÍSTICA

De acordo com as teorias linguísticas, hoje é impossível fazer um estudo sobre o oral e o escrito sem levar em consideração a distribuição de seus usos na vida cotidiana (MARCUSCHI, 2010, p. 15). Sabe-se que a oralidade surgiu muito tempo antes da escrita, mais precisamente com o surgimento da espécie *homo sapiens*, que utilizava o discurso oral para se comunicar. Segundo Graff (1995 apud MARCUSCHI 2010, p. 23) a cronologia é devastadoramente simples, pois o *homo sapiens* surgiu a cerca de um milhão de anos enquanto a escrita surgiu há 5000 anos. No Ocidente, a escrita só entrou por volta de 2500 anos e a Imprensa há pouco mais de 500 anos. Dessa forma, do ponto de vista cronológico, a oralidade tem uma precedência sobre a escrita, mas na atualidade ela não possui o mesmo prestígio.

O fato é que não se deve ver a oralidade e a escrita como domínios estanques e dicotômicos (MARCUSCHI, 2010, p.36), pois elas são mediadas por práticas sociais que ora privilegiam a escrita e ora privilegiam a tradição oral. Na área jurídica, por exemplo, há momentos de escrita que são muito rígidos, quando tratam de processos e de leis, mas também há momentos de intenso uso das práticas orais nos julgamentos. Logo, cada uma tem o seu momento dentro das mais diversas práticas sociais.

Em seu livro *Da fala para escrita – Atividades de retextualização*, Marcuschi afirma que a atividade de retextualização envolve mudanças no texto-base (2010, p. 76). A retextualização realiza-se na passagem de um texto oral para o texto escrito, no qual surge como resultado a necessidade de pontuar:

“Com essa operação surge a primeira tentativa de inserção com a introdução da pontuação diacrítica e formal, já que a fala não dispõe desse recurso. É a sensação de que não se pode escrever sem pontuar, pois do contrário não se entende” (MARCUSCHI, 2010, p.78).

Veja no quadro abaixo como a pontuação se faz necessária em operações de retextualização:

Quadro 1 – Atividade de Retextualização

Narrativa oral – uma jovem de 17 anos	Retextualização 1: aluno de Letras, UFPE, 4º período	Retextualização 2: aluna de Letras, UFPE, 4º período
eh...eu vou falar sobre a minha família...sobre os meus pais...o que eu acho deles...como eles me tratam...bem...eu tenho uma família...pequena...ela é composta pelo meu pai...pela minha mãe...pelo meu irmão...eu tenho um irmão pequeno de...dez anos...eh...o meu irmão não influencia em nada...a minha mãe é uma pessoa superlegal...sabe?	Bem, eu tenho uma família pequena – meu pai, minha mãe e meu irmão. Tenho um irmão pequeno de dez anos que influencia em nada. Minha mãe é uma pessoa superlegal.	- Bem, eu vou falar sobre a minha família, sobre meus pais, o que acho deles e como eles me tratam. - A minha família é pequena, composta pelo meu pai, minha mãe e um irmão pequeno de dez anos que não influencia em nada. Minha mãe é superlegal.

A pesquisa revela a importância da pontuação no sentido de evitar redundâncias, repetições, etc; foi aplicada ao trecho com base na intuição fornecida pela entonação das falas (MARCUSCHI, 2010, p. 78 e 79) e é essa intuição que às vezes é usada na pontuação dos textos em detrimento da pontuação sintática.

Para Dahlet (2006, p. 34), a pontuação se manifesta em três níveis: nível do texto, nível da palavra e nível da frase. A pontuação do texto refere-se à diagramação. A pontuação da palavra está ligada à ortografia e é representada pelos sinais: travessão, reticências, apóstrofo, hífen, ponto abreviativo, parêntese, maiúscula. A pontuação da frase é, predominantemente, sintática no que diz respeito à linearidade da escrita, que é segmentada pelo ponto, ponto e vírgula, a alínea e a vírgula. Esses sinais são classificados como sinais sequenciais, pois na frase eles segmentam, retomam, delimitam as sequências reagrupando-as, separando-as e hierarquizando-as. Mas não podem ser considerados como marcas, mesmo que imperfeitas, da voz na escrita e, sobretudo, da entonação e das pausas (DAHLET, 2006, p. 282).

A autora destaca que considerar a pontuação como marcas do oral no escrito seria o mesmo que dizer que a escrita é uma representação da fala. A ambiguidade ocorre pela similaridade entre a entonação e os sinais de pontuação, que muitas vezes são interpretados como marcadores do oral no escrito. Associar a vírgula, por exemplo, como um sinal que marca as pausas dadas pela respiração na leitura em voz alta seria o mesmo que aceitar que o olho regulasse a respiração na

leitura silenciosa (DAHLET, 2006, p. 284). Para comprovar seu ponto de vista, Dahlet (2006) apresenta uma pesquisa feita pela linguista francesa L.G.Védénina, que pesquisando a ausência de isomorfismo entre pausas respiratórias no oral e sinais de pontuação, constatou que em um corpus de mil frases “o número de pausas ultrapassa o número de sinais de pontuação com 30% a mais, o que resulta numa média de três pausas orais para cada sinal de pontuação” (Jaffré, 1991 op cit Dahlet, 2006, p. 284).

O que pretendo comprovar na pesquisa é se a pontuação feita nos textos jornalísticos esportivos é escrita usando a pontuação oral ou sintática corroborando ou não com a pesquisa feita pela linguista.

Sobre o estudo da vírgula, Dahlet (2006, p. 142) afirma que os gramáticos tradicionais abordam esse assunto em relação à pausa que ela traz:

Assim, para Cunha, a “vírgula marca uma pausa de pequena duração” e para Said, “a pausa mais fraca”. Trata-se para Rocha, de uma “pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída”. Já, para Bueno, o uso da vírgula é relacionado tanto à respiração quanto à profissão. Entre os gramáticos consultados, entretanto, Bechara evita introduzir esse sinal mediante a evocação da pausa, exceto para suprir – parece – uma fragilidade na explicação (DAHLET, 2006, p. 142).

Como foi citado no capítulo da gramática tradicional, Bechara (2005, p. 609) afirma que a vírgula é empregada “para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa”. Essa afirmação, segundo Dahlet (2006, p. 142) é contraditória, pois introduz um conceito de pausa, “cujo domínio de aplicação é o registro falado, quando se trata da pontuação, cujo domínio é por natureza o da escrita”.

Dahlet (2006, p.142) não discorda da função da vírgula como separadora de segmentos, porém destaca que ao separar esses segmentos da cadeia escrita outros operadores sintáticos são ativados com a função de: adicionar, subtrair e inverter elementos. Definiu a vírgula também como um sinal tensivo em relação ao (não) fechamento do sentido, e que dessa forma será possível reconhecer o potencial desse sinal na estruturação semântica e sintática nos períodos.

Essas funções de operadores sintáticos (adicionar, subtrair e inverter) citadas por Dahlet (2005) são uma denominação de R. Thimonier em *Code*

orthographique et grammatical (1970, apud DAHLET, 2005, p. 146) que os define como:

i. princípio de adição: a vírgula aparece para separar segmentos de função gramatical equivalente, quando esses últimos não são ligados por um elemento de coordenação;

ii. princípio de subtração: “separam-se por (dupla) vírgula todos os elementos que poderiam ser subtraídos (aposto, adjetiva explicativa), e assinalam-se por vírgula todos os elementos que foram subtraídos (elipse)”;

iii. princípio de inversão: a vírgula assinala “qualquer deslocamento de segmentos frasais em relação à ordem canônica”.

Como operador sintático e semântico, a vírgula pode ser avaliada através da manipulação de enunciados “homônimos” e como sinal relacional (tensivo). Com enunciados homônimos podemos observar:

(1) a. São Paulo reage!

b. São Paulo, reage!

(2). a. Só ela resolve tudo.

b. Só, ela resolve tudo.

No exemplo (1), o enunciado (a) desprovido de vírgula faz com *São Paulo* seja o sujeito do verbo. Já no enunciado (b) a presença da vírgula separa os dois termos, fazendo com que *São Paulo* não seja mais o sujeito do verbo e sim o vocativo. O verbo *reage* não pode mais ser interpretado como presente do indicativo, e sim como imperativo. A homonímia é importante para avaliarmos o quanto a vírgula é importante na organização do enunciado.

Dahlet (2005) aponta três princípios processuais de ocorrência da vírgula: sinal relacional de identidade, sinal relacional de hierarquização e substituições paradigmáticas dos sinais de sequência. Como sinal relacional (faz relação entre as palavras) de identidade, a vírgula delimita segmentos de função equivalente e é o mais sintático dos sinais de pontuação. Pode ser distinguido, segundo Dahlet (2005), como: sinal tensivo simples e tensivo complexo. O tensivo simples corresponde à coincidência entre o limite virgular e o fechamento de sentido, ou seja, os segmentos delimitados pela vírgula são independentes do ponto de vista sintático-semântico (orações coordenadas, orações justapostas e com sujeitos diferentes); e o tensivo complexo corresponde a não coincidência da vírgula e o fechamento do sentido.

Isso ocorre quando há um denominador comum, ou seja, um mesmo sujeito, explícito ou implícito [*in praesentia* e *in absentia*, segundo Dahlet (2005, p. 150, 151)].

Veja os exemplos (DAHLET, 2005):

- (3) a. O tempo corre, já são duas horas, na feira o movimento vai diminuindo. (BOTT, apud DAHLET, 2005, p.149).
- b. O homem da cidade mecânica não se basta com a reportagem crua: precisa descer aos subterrâneos da fantasia onde, é verdade, pode reencontrar sob máscaras noturnas a perversão da vida diurna ([...]), mas onde poderá também sonhar com a utopia quente da volta à natureza, do jogo estético, da comunhão afetiva. (BOSI, apud DAHLET, 2005, p. 151).
- c. As cadeias continuarão superlotadas, e o poder dentro delas, nas mãos dos criminosos organizados. (F.S.P., 09.03.02, apud DAHLET, 2005, p. 152).

No exemplo (3a) vemos o exemplo de sinal tensivo simples, pois na construção a vírgula separa elementos independentes e o seu limite coincide com o fechamento de sentido de cada oração: o tempo corre, já são duas horas. O exemplo (3b) constitui um sinal tensivo complexo explícito, isto é, o sujeito está explícito na oração que é separada por vírgulas sem ocorrer o fechamento do sentido: o homem da cidade mecânica (...), precisa descer (...), pode reencontrar (...). No exemplo (3c) ocorre o sinal tensivo complexo implícito com um denominador comum para as orações e na qual a vírgula não fecha o sentido de cada oração: as cadeias continuarão, (o poder dentro das cadeias), (as cadeias nas mãos dos criminosos).

A vírgula como sinal relacional de hierarquização também pode ser chamado de sinal de não identidade. Se o sinal de identidade delimita segmentos que possuem a mesma função, os de não identidade delimitam sinais de modalidades muito variadas. Apesar de essas modalidades serem muito variadas, elas podem ser classificadas em dois tipos de estrutura:

a anteposição e a estrutura “desligada” – que têm em comum o fato de adiar a completude sintático-semântica. Assim levanto:

- os segmentos antepostos: vocábulo, como um vocativo; sintagma nominal ou preposicional; grupo adjetival; oração subordinada;

- os elementos “desligados”: todo tipo de elemento apostro, como epíteto, conectivo, adjetiva explicativa, retomada de ordem diversa. (DAHLET, 2005, p. 152).

- Segmentos antepostos:

(4) No Brasil, depois de muitas tentativas infrutíferas de se fazer as emissoras de televisão adotarem, espontaneamente, um código ético mais rígido [...] (E.S.P., 10.02.03 apud DAHLET, 2005, p. 153).

Os elementos antepostos são: “No Brasil” e “depois de muitas tentativas”.

- Elementos apostos:

(5) Importante, além disso, é que, ao oposto do catolicismo, a religião reformada, trazida pelos invasores, não oferecia nenhuma espécie de excitação de sentidos [...] (Raízes: 65 apud DAHLET, 2005, p.153)

Os elementos apostos são: conectivo (além disso), adjunto adverbial (ao oposto do catolicismo), sintagma adjetival (trazida pelos invasores).

- Elemento desligado: adjetiva explicativa

(6) Como já assinalamos, avultam, em importância, no tema da proteção internacional do meio ambiente, a Declaração de Estocolmo e a Declaração do Rio, que a grande maioria dos autores dedicados ao tema tem considerado como os equivalentes às declarações, no tema da proteção dos direitos humanos. (Cinq. : 143 apud DAHLET, p. 153).

O elemento desligado é a oração adjetiva explicativa: “que a grande maioria dos autores dedicados ao tema tem considerado como os equivalentes às declarações [...]”.

O último princípio processual da ocorrência da vírgula consiste em substituir os sinais de sequência por sinais de maior amplitude como: o ponto e o ponto e vírgula. O intuito dessa substituição é provar que a mudança de segmentação não pode basear-se somente nas estruturas sintáticas, pois principalmente em frases homomorfas a pontuação diferenciada produz efeitos de sentido muito diferentes. Veja os exemplos:

(7) Eu também queria viver longe de tudo isto; eu bem que me queria ligar ao povo do mestre Jerônimo.

(8) Eu também queria viver longe de tudo isto. Eu bem que me queria ligar ao povo do mestre Jerônimo.

(9) O tempo, o tempo é versátil; o tempo faz diabruras; o tempo brincava comigo; o tempo se espreguiçava provocadoramente;

(10) O tempo, o tempo versátil, o tempo faz diabruras. O tempo brincava comigo. O tempo brincava comigo. O tempo se espreguiçava provocadoramente.

(11) O fazendeiro que se forma ao seu contato [de um centro de exploração industrial] torna-se, no fundo, um tipo citadino, mais do que rural;

(12) O fazendeiro que se forma ao seu contato [de um centro de exploração industrial] torna-se, no fundo, um tipo citadino, mais do que rural.

(13) *As cadeias continuarão superlotadas, e o poder dentro delas; nas mãos dos criminosos organizados.

Nos exemplos (7), (8), (9), (10), (11) e (12) podemos observar que a substituições da vírgula pelo ponto e ponto e vírgula são possíveis porque as construções possuem um denominador comum, ou seja, o mesmo sujeito. Já em (13) a substituição provoca um recorte na oração que traz incoerência ao período. Isso acontece quando as orações possuem um denominador comum implícito (*in absentia*), isto é, as elas têm o mesmo sujeito e este se encontra elíptico.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O objetivo da pesquisa feita em jornais *on-line* é comprovar se os autores dos textos jornalísticos esportivos estão adotando a pontuação oral (prosódica) ou a gramatical. Principalmente, neste gênero textual, em que muitas vezes os jornalistas ou redatores têm que transcrever as entrevistas dadas por atletas, a pontuação oral pode se sobressair. Outro fator importante a ser observado é o ritmo, a velocidade própria do esporte, o que destaca, no texto escrito, a ausência de pausas de pequena duração.

Para Rocha (1998) existem preferências no modo de pontuar. A pontuação prosódica seria preferencialmente o modo falado de pontuação, e a pontuação gramatical seria preferencialmente o escrito. Essas preferências revelam o estilo de cada autor. Segundo a autora “o melhor exemplo de estilos de pontuar está nos textos literários e jornalísticos” (ROCHA, p.3), mas esse não será foco da pesquisa, pois consiste este em registrar as interferências da pontuação oral na escrita. Como se trata de analisar textos jornalísticos é importante salientar que eles precisam ser claros e precisos, já que muitas vezes a interpretação correta da frase vai depender da forma como ela é pontuada.

- Vejamos os dados retirados da Folha de São Paulo (www.1.folha.uol.com.br/esporte) em 28/06/2012:

(1) “A imprensa argentina ficou estupefata com o desempenho defensivo do Corinthians no empate em 1 a 1, na última quarta-feira, com o Boca Juniors, pela final da Libertadores”.

(2) “O *Clarín* elogiou o Corinthians já na sua primeira página, dizendo que o Boca, contra um time organizado, custou a chegar ao ataque com clareza” (Lucas Reis e Paulo Cobos – Enviados especiais a Buenos Aires).

No exemplo (1), segundo as regras da gramática tradicional, a vírgula só é utilizada para separar os adjuntos adverbiais deslocados, o que não acontece no período. De acordo com a teoria linguística a construção contraria o princípio da inversão, que acontece quando os segmentos frasais estão deslocados. Já em (2) a

vírgula justifica-se pelo fato de haver oração intercalada (*dizendo que o Boca*) e pelos elementos deslocados.

(3) “Sim, é claro, nada está decidido, mas, também, é obrigatório que se diga que a sorte está ao lado do Timão, porque saiu ileso numa noite infeliz de Danilo e Alex, com brilho apenas de Leandro Castán, de Paulinho e de (...) ROMARINHO, dessas coisas que não se explicam, apenas se sentem”.

(4) “José Maria Marin, presidente da CBF e do COL, era deputado estadual pela Arena, o partido da ditadura brasileira, em 1975, quando, no dia 9 de outubro, aparteceu o discurso de seu companheiro Wadi Helu, já falecido, e ex-presidente do Corinthians, na Assembleia Legislativa de São Paulo”.

Nos exemplos (3) e (4), o excesso de vírgulas impede a fluência do período, mas em (3) elas se justificam em razão das conjunções e advérbios, que, segundo a gramática tradicional, podem vir separados por vírgulas em qualquer ordem. Separam-se também as partículas e expressões de explicação (Sim, é claro). A vírgula antes do “porque” causal é facultativa. Segundo a teoria linguística exposta neste trabalho, essas vírgulas não se justificam, já que elas só ocorrem com elementos da mesma função sintática, elipse de algum elemento ou em inversão.

Em (4), a vírgula antes da conjunção subordinativa (quando) não se justifica, pois a palavra não se encontra deslocada. A mesma situação acontece em “já falecido e ex-presidente”, porque a conjunção só pede vírgula quando se trata de sujeitos diferentes. Nos dois exemplos existe uma semelhança entre a pontuação oral e a gramatical. É só tentarmos ler o período sem fazer uso da pontuação gramatical e vamos concluir que elas se tocam.

(5) “Romarinho foi apresentado como novo jogador do Corinthians no último dia 4 de junho, mas já vinha treinando desde o final de maio, esperando conseguir ser inscrito na Libertadores”.

(6) “Emerson, que participou ativamente do empate, dando a assistência para o gol de empate, marcado por Romarinho, exaltou o resultado” (Thiago Braga – colaboração para a Folha).

Nos exemplos (5) e (6), há ocorrência de vírgulas que quebram a continuidade da oração. Em (5), por exemplo, poderíamos analisar sob a perspectiva da gramática tradicional, mas a própria teoria gramatical associa o uso da vírgula à

pausa oral. Segundo Bechara (2005), a vírgula é empregada para separar termos coordenados, ainda que ligados por conjunção (no caso de haver pausa). A primeira vírgula se justifica pela conjunção adversativa “mas” e a segunda, antes de “esperando”, por ser uma oração reduzida de gerúndio (oração coordenada aditiva com a conjunção “e”). A teoria linguística discutida, neste trabalho, só prevê o uso da vírgula no caso de elipse verbal. No exemplo (6), a primeira vírgula se justifica por ser uma oração subordinada adjetiva explicativa, mas a terceira vírgula quebra a sequência dos termos da oração isolando o complemento “marcado por Romarinho”, expressão que está complementando “gol de empate”. A oração conservaria totalmente o sentido se a vírgula fosse retirada: “dando assistência para o gol de empate marcado por Romarinho”.

(7) “Acho que vai ter menos espaço, acredito em um Boca fechado, explorando nossos erros. Por isso, temos que levar a partida com paciência, porque é um time perigoso, experiente” (Thiago Braga – colaboração para Folha).

Essa construção do exemplo (7) demonstra claramente a interferência de pausas da fala na escrita. Isso acontece porque, durante a atividade de retextualização, existem algumas regras a serem seguidas, e a introdução da pontuação é uma delas. Segundo Marcuschi (2010, p. 75), a pontuação é feita com base na intuição fornecida pela entonação das falas (*estratégia de inserção* em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia). A primeira oração exprime uma pausa maior que a vírgula, sendo necessário o uso do ponto final. A vírgula antes do “porque” é desnecessária, pois não se usa vírgula antes de “porque” causal. Reescrevendo o período obteremos: “Acho que vai ter menos espaço. Acredito em um Boca fechado, explorando os erros. Por isso, temos que levar a partida com paciência porque é um time perigoso, experiente”.

As próximas análises foram retiradas da notícia publicada em: www.esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2012/12/17:

(8) Na cerimônia de reinauguração do Mineirão, na próxima sexta, que contará com a presença da presidenta Dilma Rousseff, os visitantes não poderão vestir camisas de clubes de futebol, por medida de segurança, durante o show da banda mineira Jota Quest e de outros artistas. De acordo com a Polícia Militar de Minas Gerais, a medida, que é adotada em eventos semelhantes em Belo Horizonte, valerá apenas

para sexta-feira. No sábado e domingo, quando haverá visitação do Mineirão, os torcedores poderão portar camisas de futebol.

(9) Fechado em meados de 2010, o Mineirão ficará dentro do cronograma anunciado de Minas. Porém, o jogo inaugural ocorrerá somente em 3 de fevereiro, com o clássico Cruzeiro e Atlético, na abertura do Campeonato Mineiro. As obras do estádio da Pampulha custaram R\$665 milhões.

Nos exemplos (8) e (9), o problema está na vírgula antes da conjunção “quando” e da preposição “com”. Segundo a regra gramatical, ela só acontece quando a conjunção está deslocada (8). No trecho: “No sábado e domingo, quando haverá visitação do Mineirão, os torcedores poderão portar camisas de futebol”, não se trata de um caso de inversão da oração adverbial, visto que a oração principal é que está deslocada. Colocando na ordem direta teremos: “Os torcedores poderão portar camisas de futebol no sábado e domingo quando haverá visitação do Mineirão”.

No exemplo (9), a vírgula antes da preposição está prejudicando a linearidade da oração, uma vez que a ordem direta da oração é: sujeito + verbo + complemento do verbo + adjuntos adverbiais. Os elementos não estão deslocados, e sim, desorganizados porque, se estivessem deslocados, a expressão “ocorrerá em 3 de fevereiro” deveria estar entre vírgulas. Reorganizando a oração teremos: “Porém, o jogo inaugural com o clássico Cruzeiro e Atlético ocorrerá somente em 3 de fevereiro na abertura do Campeonato Mineiro”.

(10) O Botafogo teve três atletas convocados para a seleção brasileira sub-20, que disputará o Sul-Americano em janeiro, na Argentina. Jadson, Dória e Bruno Mendes estão se destacando e atuaram entre os titulares no jogo-treino realizado na última semana na Granja Comary, em Teresópolis. O volante inovou e personalizou sua chuteira, gravando o escudo do Alvinegro, além de seu nome com o de sua noiva Juliana.

No trecho do exemplo acima: “O volante inovou e personalizou sua chuteira, gravando o escudo do Alvinegro”, também ocorre um erro na pontuação que interrompe o ritmo e separa o adjunto adverbial do restante da oração.

Nos exemplos (11), (12) e (13) aparecem períodos que constataam a hipótese de que o ritmo do esporte influencia o ritmo dado ao texto. Observa-se que

a pouca ou quase nenhuma presença da vírgula deixa o texto mais fluente, claro e simples, características do texto jornalístico.

(11) A Polícia Militar esclarece que o acesso à área de embarque e desembarque do Aeroporto Internacional Franco Motoro só será permitido às pessoas que trabalham ou utilizarão dos serviços aeroportuários, diz uma nota divulgada pela PM nesta segunda-feira.

(12) O Corinthians segue com a intenção de contratar Alexandre Pato. Segundo a TV “Sky Sport Itália”, o time paulista ofereceu 15 milhões de euros ao Milan (aproximadamente R\$41,25 milhões) para comprar 50% dos direitos econômicos do jogador que tem 23 anos e enfrenta uma sequência de lesões que não o deixam fazer uma sequência de jogos com o time italiano.

(13) A ideia corintiana é convencer os italianos de que a proposta é suficientemente boa para amenizar a crise financeira pela qual o time europeu passa. A emissora ainda afirma que Gilmar Veloz, empresário de Alexandre Pato, pode facilitar a negociação. Isso porque ele também agencia a carreira de Tite e já teria até intermediado conversas entre as partes para mostrar que a estrutura corintiana é boa o suficiente para ele se livrar de lesões em 2012.

Dados retirados de www.copadomundo.uol.com.br Acesso em: 27 jun 2013:

(14) A imprensa uruguaia abordou a cena inusitada que envolveu Neymar na vitória de 2 a 1 sobre o Uruguai nesta quarta-feira pelas semifinais da Copa das Confederações. A edição web dos principais jornais do país criticaram o atacante brasileiro por ter mandado beijos irônicos para Álvaro Gonzalez, quando o volante saía da partida após ser substituído.

(15) O goleiro Júlio César contou na tarde desta quinta-feira os detalhes do diálogo com o atacante Diego Forlán antes da cobrança do pênalti no Mineirão.

Da mesma forma como ocorreu nos exemplos (11), (12) e (13), os exemplos (14) e (15) trazem linearidade ao período constituindo a clareza necessária ao texto jornalístico.

(16) A postura é diferente daquela apresentada em uma entrevista dada na semana passada, à TV Tribuna, de Santos, afiliada da Globo.

(17) O goleiro foi eleito o melhor jogador da vitória por 2 a 1 sobre o Uruguai, nesta quarta-feira, no Mineirão, em Belo Horizonte.

Diferentemente dos exemplos (14) e (15), os fragmentos (16) e (17) possuem muitas vírgulas que não se justificam, já que os complementos ocupam as suas posições reais. São exemplos de pausas orais interferindo na escrita e dessa forma provocando uma barreira no texto, impedindo assim, sua fluência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender o modo como a pontuação está sendo empregada nos textos de jornais on-line, na seção de esportes. A problematização em relação a esse tema originou-se a partir de trabalhos feitos com revisão de textos. A dúvida e o erro mais recorrente nos textos revisados diziam respeito à pontuação. Em textos oficiais (acadêmicos, técnicos etc) exige-se o uso de regras da gramática tradicional ou manuais, sem levar em consideração o estilo. Este fica mais destinado a textos literários.

O gênero textual foi escolhido por acreditar que havia interferências das pausas orais na pontuação e depois de pesquisar várias matérias sobre futebol constatei que a pontuação que seguia as regras gramaticais era a feita pelos redatores da Folha de São Paulo e do site UOL. Isso porque as alterações que foram encontradas ocorreram nos textos produzidos por colaboradores dos jornais on-line. Concluí que a escrita dos jornalistas e redatores é monitorada, enquanto a dos colaboradores é mais descontraída porque em dezessete períodos que compunham o corpus, em dez as pausas marcadas por vírgulas não se justificavam.

Observei também que muitos jornais on-line não têm revisores, pois durante a coleta de dados para formar o corpus encontrei muitos erros de digitação, ortografia e enunciados incompletos.

Em alguns exemplos do corpus apareceram trechos de entrevistas de jogadores de futebol com características da maneira com que eles falam: ritmo pausado devido ao cansaço físico. Esse fato influencia muito na hora da transcrição porque os jornalistas se deparam com um texto falado repleto de pausas que no texto escrito teriam que ser apagadas. Em alguns casos isso ocorreu, em outros não, e o resultado disso foi apresentado nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação**: usos e significações. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

_____. **A pontuação e as culturas da escrita**. 2006. Disponível em:<
www.dlcv.fflch.usp.br/sites/dlvc.fflcl.usp.br/files/Dahlet.pdf> Acesso em 23 set 2012 18h.

KURY, Adriano da Gama. **Para falar e escrever melhor o português**. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LUFT, Celso Pedro. **A vírgula** – Considerações sobre seu ensino e o seu emprego. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Manual de jornalismo. Anabela Gradim, UBI. Disponível em :
www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-5.html Acesso em 26 jun 2013 22h.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PRIMO, Alex. TRASEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta das notícias**. Contracampo (UFF), v.14, p. 37 – 50, 2006. Disponível em: www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf Acesso em 15 mar 2013 19h.

ROCHA, I.L.V. **Flutuações no modo de pontuar e estilos de pontuação**. São Paulo: Delta, 1998. Disponível em:
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO102-44501998000100001
Acesso em: 29 ago 2012 23h.

_____. **O sistema de pontuação na escrita ocidental**: uma retrospectiva. São Paulo: Delta, 1997. Disponível em
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO102-44501998000100001
Acesso em 29 ago 2012 23h15min.